

A PERMANÊNCIA DA ALFAIATARIA ARTESANAL

THE SARTORIAL ARTESANAL STAY

Juliana Barbosa¹
Eloisa Helena Santos²

RESUMO

Mudanças no comportamento do homem com relação ao vestir fizeram com que a alfaiataria artesanal perdesse espaço em meio à alfaiataria prêt-à-porter, bem como a produção do vestuário em massa. O ofício de alfaiate, apesar de sua tradição secular, se viu forçosamente em uma situação delicada, em um momento em que há poucos profissionais, o que ocasiona a ausência de aprendizes. O presente estudo busca elucidar as características da alfaiataria artesanal e os saberes do alfaiate justificando o porquê de sua permanência. A revisão bibliográfica e a metodologia empregada para a elaboração desse artigo permitiram conhecer as circunstâncias em que o processo de ensino e aprendizagem da alfaiataria vinha sendo realizado para, então, compreender e possibilitar a criação de mecanismos e estratégias para a formulação de novas metodologias capazes de propiciar oportunidades à continuidade desse ofício. Decorrencia de um momento em que estudantes e profissionais da moda se voltam com interesse para a área, bem como pela retomada de um mercado consumidor em ascensão.

Palavras-chave: Alfaiataria artesanal. Saberes. Metodologias. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Changes in human behavior in relation to the wear caused the handmade tailoring lost space in the midst of ready-to-wear tailoring and mass garment production. The tailor's work, despite its secular tradition, is necessarily seen in a delicate situation, in a time when there are few professionals, which causes the lack of apprentices. This study aims to elucidate the characteristics of small-scale tailoring and tailor knowledge justifying why their stay. The literature review and the methodology used for the preparation of this paper helped identify the circumstances in which the teaching and learning process of tailoring was being done to then understand and enable the creation of mechanisms and strategies for the development of new methodologies that provide opportunities to continue this craft. Due to a time when fashion students and professionals turn with interest to the area as well as the resumption of a consumer market on the rise.

Keywords: Tailoring Craft. Knowledge. Methodologies. Teaching and Learning.

¹ Professora de Design de Moda na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e Centro Universitário UNA.

² Professora Doutora do Programa de Mestrado GSEDL do Centro Universitário UNA.

1 INTRODUÇÃO

Percebe-se atualmente que a alfaiataria industrial vem buscando métodos e alternativas à artesanal, procurando equiparar-se tanto em seus processos de construção da modelagem quanto na confecção da peça. A alfaiataria industrial, equipada com maquinário de alta tecnologia, vem realizando um trabalho similar ao do alfaiate em operações que demandam tempo de trabalho significativo, como a colocação manual da gola e da manga por exemplo.

Contudo, a roupa feita manualmente é elaborada de forma personalizada, com acabamentos criteriosos, em que o alfaiate se faz necessário e é decisivo para o ajuste da peça, ao contrário daquelas confeccionadas em série e/ou maquinário automatizado, desenvolvidas para um corpo padrão com medidas estipuladas pela indústria. Nas roupas feitas sob medida existe uma série de particularidades, ora evidenciadas ou dissimuladas pelo corte preciso do alfaiate, e que trazem a possibilidade de valorização do corpo que o veste, principalmente por atender as medidas básicas e fundamentais, responsáveis pelo perfeito caimento de uma peça.

Como resolver o impasse entre a alfaiataria artesanal e a alfaiataria *prêt-à-pôrtter*? Ambos os segmentos poderão se manter cada qual dentro de seu universo de atuação e clientela específicos?

O objetivo desse artigo é o de demonstrar as características essenciais da alfaiataria artesanal em contraponto à alfaiataria *prêt-à-pôrtter*, como uma forma de chamar a atenção para esse ofício secular e que ainda encontra espaço no mundo contemporâneo.

Uma revisão bibliográfica foi a metodologia empregada para a elaboração desse artigo, além da análise de dados de pesquisas anteriores realizadas pela autora.

A justificativa da escrita desse artigo se dá no esforço de divulgar a história desse ofício, bem como as características essenciais que a diferem da alfaiataria industrial com a intenção de despertar o interesse por novas gerações capazes de atender as demandas de um mercado consumidor em ascensão, além de fazer com que a alfaiataria artesanal permaneça, zelando pelas técnicas e tradições da roupa sob-medida.

2 AS CARACTERÍSTICAS DA ALFAIATARIA ARTESANAL

A alfaiataria é um segmento do vestir que está para o universo masculino assim como a *Haute Couture*³ está para o universo feminino. Tem como objetivo principal a confecção de roupas artesanais e sob medida, tais como o terno⁴, costume ou fato⁵, casacas e camisas, principalmente. Como a alta costura, ela está no topo da cadeia produtiva do vestuário (HOPKINS, 2013) pela qualidade dos materiais, tecidos, entretelas e aviamentos que emprega; pelo requinte dos acabamentos utilizados, quase na totalidade feitos à mão, bem como pela particularidade da relação do alfaiate artesão com o cliente.

A qualidade da peça desenvolvida pelo alfaiate é assegurada desde a tomada de medidas, momento em que o corpo é cuidadosamente avaliado. Passa pela elaboração da modelagem, que é executada diretamente no tecido ou em tela de teste específica⁶, até as provas⁷ estabelecidas durante o processo que, dependendo do alfaiate, podem variar de uma a três para a conclusão e a entrega do produto final.

Isto significa que uma peça de roupa é cosida para um indivíduo, por um indivíduo. Para cada cliente é desenvolvido, segundo as suas medidas e os seus desejos, um corte próprio, que é exatamente ajustado ao seu corpo e que corresponde à sua personalidade (ROETZEL, 2010, p. 93).

Todos esses são processos que atualmente levam em torno 40 horas de trabalho, num intervalo de tempo que varia entre alguns dias para a primeira prova, a chamada prova seca⁸, e de seis a oito semanas para a entrega da peça finalizada (ROETZEL, 2010). Espaço de tempo que reflete o trabalho manual desenvolvido pelo alfaiate artesão, de maneira criteriosa e respeitosa com relação ao corpo que o vestirá.

³ Termo francês referente à alta costura, regido pela Câmara de Alta Costura de Paris (1868). É ela quem determina quais grifes podem usar o termo *Haute Couture*.

⁴ Traje masculino composto por três peças: Paletó, colete e calça.

⁵ Traje masculino composto por duas peças: Paletó e calça.

⁶ As telas de teste são realizadas normalmente em tecido de algodão cru.

⁷ Etapas do processo de confecção da peça em que o cliente veste a roupa para eventuais correções e/ou ajustes.

⁸ Prova em que o paletó é todo alinhavado, sem colocação de bolsos nem entretelas. É nesta prova que as principais correções com relação à largura do corpo, encaixe de cava e pescoço são realizadas.

A máquina de costura é usada para quase todas as costuras e pences, mas quase 75 por cento de todos os pontos em um terno sob medida ainda são feitos à mão, para garantir a modelagem mais precisa do tecido. As novas entretelas fusíveis estão sendo utilizadas pela maioria dos alfaiates personalizados para reforçar áreas pequenas, como pontas de pences ou o interior de alguns bolsões, porém, elas não são consideradas substitutas aceitáveis para o reforço de peito - entretelas costurada à mão, que dão corpo a parte frontal inteira do revestimento. Alfaiates de hoje continuam a praticar a sua arte quase exatamente como era praticada há um século. Não necessariamente porque mais lento é melhor, mas porque estes métodos produzem corpo e forma, detalhes e durabilidade que novos métodos mais rápidos de alfaiataria são simplesmente incapazes de igualar (CABRERA, MEYERS, 2010, p. 01)⁹.

Contudo, todo esse rigor na confecção de uma peça sob medida que implica diretamente no tempo empregado, vem fomentando discussões acerca do rumo que os ofícios artesanais têm assumido no mundo contemporâneo, em que a urgência no consumo vem tomando cada vez mais espaço.

O apelo do imediato adotado pelas indústrias por meio do surgimento de novas tecnologias faz com que o tempo de produção de um paletó seja reduzido consideravelmente. Com maquinário específico, a indústria é capaz de realizar algumas tarefas delicadas em minutos. Um bom exemplo é a colocação dos bolsos da frente externa e interna do paletó. Nela o operador¹⁰ alimenta a máquina com as peças de tecido que serão costuradas ao corpo dando forma ao bolso, porém, de maneira mecanizada sem equiparar-se ao trabalho

⁹ Tradução livre da autora: *Although new machines and new methods of fusing layers of fabric together offer today's tailor speedy alternatives to time consuming hand work, relatively few of these faster methods have been adopted by custom tailors. The sewing machine is used for almost all seams and darts, but almost 75 percent of all stitches in a custom-tailored suit are still done by hand, to ensure the most accurate shaping of the fabric. The new fusible interfacings are being used by most custom tailors to reinforce certain small areas, such as dart tips or the inside of some pockets, however, they are not considered acceptable substitutes for the multi-layered, hand-stitched canvas interfacing which gives body to the entire front of the jacket. Today's tailors continue to practice their art almost exactly as it was practiced a century ago. Not because slower is necessarily better, but because these methods produce body and form, detail and durability which newer faster methods of tailoring are simply unable to equal.*

¹⁰ Funcionários que operam máquinas de costuras sem necessariamente compreender o processo como um todo. São considerados operadores e não costureiros. Há que se considerar, no entanto, segundo a ergologia, que mesmo nesse tipo de trabalho é possível encontrar o trabalhador que se expressa subjetivamente na sua atividade e, portanto, capaz de criar algo diferente daquilo que lhe foi prescrito.

desenvolvido pelo alfaiate artesão nas mesmas operações em que oferece um toque de personalidade à peça, evidenciando que naquela roupa há originalidade e apreço.

Já em 1933, um Guia Prático de Alfaiataria direcionado aos iniciantes alertava sobre o uso da máquina de costura, chamando a atenção para o trabalho sem vida ou personalidade, a exemplo do que ocorre nas fábricas de confecção de vestuário em que não há costureiras ou alfaiates, mas meros operadores de máquina, sem o domínio da confecção de uma peça por completo.

Existem hoje máquinas para quase qualquer tipo de costura, corte, enchimento, botoeiras, etc., mas o trabalho é puramente mecânico e não tem vida ou personalidade com ele. Ao aprendiz e estudante de Arte e Artesanato é aconselhado a manter-se o padrão do trabalho ao mais alto grau possível, de modo a manter um comércio glorioso nas fileiras do excelente acabamento (LIBERTY, 1933, p.52).¹¹

A habilidade da costura manual está diretamente relacionada a outra importante operação que diz respeito à confecção da manga. Considerada uma das tarefas mais árduas da alfaiataria, ela demanda esforço e tempo significativos pela justa posição desta peça no paletó, tida por eles como a parte mais importante, motivo de orgulho ao final de sua execução e onde o bom alfaiate se revela. São várias costuras à mão antes do encaixe da manga na cava da peça, que desta forma garantem a posição exata, a postura do corpo e o caimento do braço do cliente.

Já na alfaiataria industrial, elas são aplicadas com uma velocidade de tempo inferior, mas não garantem a posição correta no corpo, justamente por não haver um contato direto com aquele que vestirá a peça. Os ajustes são restritos e feitos no momento da venda, detendo-se a pequenos reparos como a alteração do comprimento da manga, quando necessário. Ajustes maiores são impossibilitados por estarem relacionados à estrutura da peça, correções que só poderiam ser realizadas diante da tomada de medidas do cliente, como os valores de costado e ombro por exemplo, que influenciam diretamente na

¹¹ Tradução livre da autora: *There are now machines for almost any kind of stitch, felling, padding, buttonholes, etc., but the work is purely mechanical and has no life or personality with it. The apprentice and student of the Art and Craft is well advised to keep up the standard of the work to the highest possible degree, and so keep a glorious trade in the ranks of excellent workmanship.*

colocação da manga. É uma forma de produção que atende o imediatismo presente no vestir atual, mas que compromete significativamente a qualidade da roupa.

3 O IMEDIATISMO NO CONSUMO DO VESTUÁRIO

As novas gerações desconhecem a forma de vestir no espaço de tempo determinado pelo alfaiate artesão. Os jovens em regra, conhecem a forma de consumir de momento, ou ainda, compulsivamente, em que não há uma clara consciência do que se adquire.

O apelo da roupa pronta, de fácil aquisição em termos de custos, faz com que haja um consumo desenfreado observado em diversas esferas da sociedade e que implica em uma série de outros problemas, mazelas características do século XXI.

Num mundo em que uma novidade tentadora corre atrás da outra a uma velocidade de tirar o fôlego, num mundo de incessantes novos começos, viajar esperançoso parece mais seguro e encantador do que a perspectiva da chegada: a alegria está toda nas compras, enquanto que a aquisição em si, com a perspectiva de ficar sobrecarregado com seus efeitos diretos e colaterais possivelmente incômodos e inconvenientes, apresenta uma alta probabilidade de frustração, dor e remorso (BAUMAN, 1925, p. 28).

A insatisfação com o próprio corpo é um destes aspectos, pois a roupa pronta para vestir não é capaz de atender a cada sujeito na sua particularidade, mesmo aqueles que possuem um corpo harmonioso. A massificação imposta pela mídia traz um estereótipo de beleza ideal: mulheres magras e homens musculosos, fazendo com que aqueles fora destes padrões, sintam-se de certa maneira excluídos ou encorajados a buscar esse ideal a qualquer preço.

Nossa sociedade tanto cultua o corpo como não cessa de desprezá-lo, comercializá-lo e coisificá-lo. O corpo reina e padece diariamente. Propagam-se as “deficiências” e os limites corporais, desvalorizam-se as singularidades e potencialidades dos sujeitos e os tornam desnecessários, descartáveis, sem sentido, e, simultaneamente, o aclamam, fazendo do corpo o mais sublime objeto de adoração. (TRINCA, 2008, p. 03).

O trabalho do alfaiate artesão apresenta-se como uma alternativa à tirania do vestir contemporâneo, em que o corpo é submetido à roupa ao invés da roupa vestir o corpo. Os homens das antigas gerações, e também aqueles que conhecem o valor do trabalho artesanal, apesar do avanço e da praticidade da roupa pronta para vestir, não abrem mão do trabalho do alfaiate. Os mais jovens, que têm o primeiro contato com esse profissional em um momento festivo como formatura ou casamento, também compreendem e passam a privilegiar e consumir esse serviço.

O alfaiate artesão tem a capacidade de atender e valorizar o corpo, ora evidenciando, ora dissimulando o que for necessário para colocá-lo em harmonia. Apesar disso, reconhecer a diferença entre um traje feito por um alfaiate por outro feito para um tamanho padrão só é possível quando ambos são confrontados:

Um fato feito por medida só pode ser tão bom como o alfaiate que o corte e cose. No entanto, se o cliente não tiver capacidade para reconhecer um bom trabalho, torna-se mais difícil para o alfaiate realizar o seu trabalho corretamente. Assim, põe-se a questão: como devem os clientes saber o que é bom, quando só tiverem sido confrontados, ao longo da sua vida, com fatos confeccionados para um corpo de tamanho normal imaginário? (ROETZEL, 2010, p. 93).

Entretanto, esse resultado demanda tempo para cumprir todo o processo, considerado um “ritual” da roupa sob medida. O resgate da cultura dessa forma de vestir é imprescindível para a manutenção do ofício do alfaiate, que não encontra equivalente nas roupas industrializadas.

4 O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA ALFAIATARIA ARTESANAL

A roupa sob medida e todos os seus processos demonstram a complexidade e o respeito com que cada uma das etapas é concluída. Um alfaiate artesão para alcançar um nível de excelência no trabalho que realiza dedicou anos de aprendizado, numa metodologia de ensino não regulamentada oficialmente em bancos escolares, mas que permaneceu eficaz durante os séculos pelos quais atravessou.

Verifica-se que, entre os riscos que a alfaiataria apresenta de não se manter apesar da sua importância no segmento do vestir, está o fato de que não há uma renovação da mão de obra dentro dos rigorosos padrões da alfaiataria artesanal. Isso se dá pela obsolescência do método de ensino e aprendizagem, não por sua ineficiência, mas pelas dificuldades de se adequar às regras que regulamentam o trabalho do menor aprendiz.

Alfaiates artesãos ingressavam no ofício ainda no início da adolescência. O aprendizado na alfaiataria era e ainda é um processo lento que necessita tempo de assimilação dos pontos, bem como o manuseio do tecido. Posteriormente iniciava-se a construção da roupa a partir dos saberes constituídos, aquele tipo de conhecimento que é adquirido em bancos escolares, tais como a matemática e a anatomia. A estes saberes se soma um outro, adquirido com cautela na prática do dia a dia da oficina, de maneira tácita e empírica, denominado saber investido.

A arte do alfaiate, complexa e de *difficil* penetração, exige longos anos de devotamento, divididos entre o estudo e a prática. Bases deste estudo e dessa prática são sem dúvida alguma a Anatomia, a *Matemática* e a Geometria. Sem conhecimento, rudimentar mesmo, dessas três *sciencias*, não haverá alfaiates artistas. E por artista alfaiate devemos entender o *criador* de modas (JUNIOR, 1937, p. 19).

Anteriormente, o menino aprendiz era confiado pelos pais ao mestre alfaiate, que normalmente apresentava algum tipo de parentesco ou amizade com a família, num gesto de confiança de ambas as partes. O aprendizado na alfaiataria não restringia-se apenas às lições de costura e traçados, havia lições de comportamento, de ética e valores do trabalho em toda a sua dimensão, transmitidas pelos mestres alfaiates.

Pesquisa realizada pela antropologia Lave (2011) na década de 70, no vilarejo africano de Happy Corner, na Libéria, ao oeste da África, apresenta dados que se assemelham à realidade dos alfaiates no Brasil, em que o início do aprendizado dos alfaiates artesãos no ofício se deu por influência dos pais:

Um mestre alfaiate poderia promover um rapaz de treze ou quatorze anos como um aprendiz. Muitas vezes ele tinha laços com os parentes mais velhos do menino, e a decisão da criança de que poderia se tornar um alfaiate tinha sido resolvido em discussões acerca de como criar um

portfólio diversificado de artesanato e comércio no interior da extensão familiar (LAVE, 2011, p. 44)¹².

As discussões a que se refere a autora eram tidas no seio da família, quando o pai percebendo as aptidões e habilidades de seus filhos, decidia por eles a profissão que seguiriam, algumas vezes contra a vontade do próprio filho. Apesar disso, tomavam gosto pelo ofício e decidiam aprendê-lo.

Acerca dessa forma de seleção, há o testemunho do alfaiate Maurício Messias, em entrevista¹³ a um canal de televisão nacional realizada no dia 12 de novembro de dois mil e doze, na qual relata que o pai alfaiate, todas as noites distribuía um retalho e tecido, linha e agulha aos seus oito filhos para que costurassem. A partir destes retalhos procurava identificar aquele que tivesse mais habilidade para investir e ensinar o ofício, maneira pela qual o alfaiate Messias foi eleito entre os oito irmãos.

Já entre os alfaiates que atuam na cidade de Belo Horizonte, é recorrente o depoimento de que não havia em sua época outras alternativas de trabalho, e de como o estudo era de difícil acesso para as famílias mais humildes que viviam no interior (BARBOSA, 2011). Dessa forma, eles se viam forçados a escolher desde cedo uma profissão, e a escolha pela alfaiataria se dava por ser um trabalho “leve e limpo”, diferente de outras profissões como o trabalho na roça, de seleiro ou carpinteiro. Porém, há aqueles que dizem ter feito essa opção por escolha própria, pelo convívio com alfaiates familiares ou vizinhos, e que inseridos nesse ambiente, naturalmente, optaram por seguir o ofício.

Porém, percebe-se que o valor do trabalho para esses alfaiates que ingressaram no ofício por vontade própria tem conotações diferentes daqueles que sonhavam com outras profissões, mas permaneceram na alfaiataria por escolha dos pais. Os alfaiates que escolheram a alfaiataria se reconhecem no trabalho que executam e a compreendem como

¹² Tradução livre da autora: *A master tailor might foster a boy of thirteen or fourteen as an apprentice. He often had ties with the boy's senior relatives, and the decision that the child should become a tailor had been sorted out in discussions about how to create a diverse craft and trade portfolio within the extended family.*

¹³ Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/mauricio-messias-confecciona-gravatas-ha-20-anos/2239285/>>.

uma arte, exatamente como Morris defendia no século XIX, quando invocava os artesãos a fazerem de seu trabalho cotidiano uma “obra de arte” (ARGAN, 2013).

5 A MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO DA ALFAIATARIA

Atualmente, no Brasil, há alguns cursos livres. Uma escola de Alfaiataria intitulada “Projeto Sob Medida” foi criada em 2008 com recursos próprios pela Associação dos Alfaiates e Camiseiros do Estado de São Paulo, a AACESP, pela necessidade de profissionalização do setor, seguindo a tradição de países como a Itália e a Inglaterra.

A alfaiataria italiana é reconhecida pelo “desenvolvimento da moda masculina europeia, apoiada por uma longa tradição de habilidade de domínio das técnicas de tecelagem” (CRANE, 2006). Lá está situada a primeira Academia de Alfaiataria, a *Accademia Nazionale Dei Sartori*¹⁴. Fundada pelo Papa Gregório XIII, no ano 1575, em Roma, a Academia passou por vários momentos de crise tendo suas atividades suprimidas em 1801 pelo Papa Pio VII, e seu retorno somente em 1938, mantendo-se até os dias de hoje.

Lá são formados alfaiates dentro dos rigorosos padrões de qualidade da alfaiataria italiana, e há notadamente um espírito de admiração e respeito pelo fazer do alfaiate. Nesta Academia promovem-se concursos anuais tais como: *Manichino D’oro*¹⁵ e *Forbici D’Oro*¹⁶ em que os artesãos que melhor ilustram o estilo, a habilidade, a técnica, a criatividade e o rigor formal da alfaiataria sob medida são premiados numa forma de incentivar e promover novos talentos.

Ainda na Itália, existem iniciativas como a da empresa Kiton¹⁷, sediada na cidade de Nápoles. Essa empresa napolitana mantém uma escola de alfaiataria em que parte da mão de obra formada é absorvida pela própria empresa, eliminando assim qualquer risco de

¹⁴Disponível em: <<http://www.accademianazionaledeisartori.it/it/organigramma-elenco-nominativi/scuola-di-taglio.html>>.

¹⁵ Manequim de Ouro – concurso voltado para o vestuário feminino.

¹⁶ Tesoura de Ouro – concurso voltado para o vestuário masculino, em específico o traje formal de alfaiataria.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.kiton.it/en/content/tailoring-school>>.

perda de capital humano além de formar alfaiates dentro dos rigorosos critérios de qualidade adotados pela empresa. O ingresso na escola é limitado a jovens entre 16 e 21 anos.

A Inglaterra também possui lugar de destaque na história da alfaiataria e conta com ações em Universidades e cursos livres para a formação de alfaiates. Foram os ingleses que, no final do século XIX, com o movimento intitulado Dandismo, colocaram o alfaiate artesão em evidência, elevando seu status ao destacar a vestimenta do homem tido como elegante. Mesmo antes desse movimento, Balzac já reverenciava a alfaiataria inglesa em detrimento da francesa:

Se o costume que defendo necessitar do apoio de alguma autoridade, posso citar como exemplo toda uma nação, a Inglaterra, esse clássico bastião de trajes leves e desferrados. Talvez alguns espíritos tacanhos queiram acusar-me neste ponto de falta de sentido de nacionalidade, ao ir buscar, fora do país, os meus modelos. Mas repudio os ignorantes preconceituosos que fomentam ódios nacionais, não consentindo que imitemos o que é bom, independentemente de sua origem (BALZAC, 2008, p.32).

A exemplo do que ocorre nesses países em que a tradição da alfaiataria é preservada, no Brasil começam a existir um movimento de retorno e valorização acerca dos trabalhos artesanais. Grupos de estudos em centros universitários, projetos de extensão entre outras iniciativas são possibilidades para que o ofício de alfaiate comece a ser visto e trabalhado no ambiente acadêmico, bem como os cursos chamados de qualificação, que fazem parte do conjunto de cursos ofertados hoje pelo PRONATEC denominados cursos de formação inicial e continuada – FICs.

6 CONCLUSÃO

A história da alfaiataria nos coloca diante do fato de que seu legado e seus saberes se fazem necessários independente do momento em que atravessa. A alfaiataria possui condições de atender de forma criteriosa os aspectos específicos de uma parcela da sociedade que não se satisfaz com a oferta massificada da indústria do vestuário.

As técnicas tradicionais e mesmo aquelas desenvolvidas pelos alfaiates artesãos contemporâneos, são cobiçadas por profissionais da costura em geral e por estudantes que buscam, por meio de cursos livres ou de graduação um tipo de formação que não é oferecida no modelo clássico de educação. O momento atual no mundo do trabalho não mais permite metodologias como as empregadas na alfaiataria tradicional, fundada na relação mestre-aprendiz. No entanto, há que se pensar em mecanismos e estratégias de aprendizagem no âmbito das universidades ou fora delas, por meio de grupos de estudo, cursos regulares ou de extensão, afim de valorizar o trabalho e os saberes dos alfaiates artesãos para que uma nova geração de alfaiates se desenvolva, com conhecimentos que vão além da técnica, ampliando o campo de atuação desse profissional.

Aquele que hoje se interessa pela alfaiataria e que busca esse tipo de conhecimento, mesmo que informal, geralmente possui maturidade e capacidade de apreensão das técnicas de forma mais favorável que em épocas anteriores, em que o ofício era imposto aos jovens na maioria das vezes. Os saberes necessários para o desenvolvimento da alfaiataria vão para além do produto, abarcando conhecimentos amplos de criação, dos movimentos históricos sociais do vestir, comportamento, administração e marketing por exemplo. Todos esses, requisitos primordiais para que uma nova geração de profissionais seja formada, com capacidade de fazer com que o ofício secular da alfaiataria não apenas se mantenha, mas também evolua.

REFERÊNCIAS

ACCADEMIA NAZIONALE DEI SARTORI. Disponível em:
<<http://www.accademianazionaledeisartori.it/it/organigramma-elenco-nominativi/scuola-di-taglio.html>>. Acesso em: 28 out. 2013.

BALZAC, Honoré. **Do vestir e do comer: algumas notas...** Lisboa: Padrões Culturais Editora: 2008;

BARBOSA, Juliana. **Alfaiataria Masculina**: Novas tendências em tecnologia de confecção. BITIB/FAPEMIG, Belo Horizonte, 2011.

BAUMAN, Zygmunt, 1925. **Vida para consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008;

CABRERA, Roberto, MEYERS, Patrícia. **Classic Tailoring Techniques**. Fairchild Publications: New York, 2010;

CRANE, Diana. **A Moda e seu Papel Social**: Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2006;

HOPKINS, John. **Moda Masculina**. Porto Alegre: Bookman, 2013;

JUNIOR, Carnicelli. **Methodo de Corte Completo**. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora, 1937.

LIBERTY, J. E. **Practical Tailoring**: The art and craft simply explained for the student and apprentice. London: Great Britain, 1933.

ROETZEL, Bernhard. **O Gentleman**. Livro da Moda clássica masculina. Potsdam, Alemanha: H.F. Ullmann, 2010.

ROSA, Estefania. **Alfaiataria**: Modelagem Plana Masculina. Distrito Federal: Editora Senac, 2008.

SENNETT, Richard; tradução de Clóvis Marques. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009;

TRINCA, Tatiane Pacanaro. **O corpo-imagem na “cultura do consumo”**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. UNESP – Dissertação de Mestrado.